

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME IV*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1965

## NOVA LUZ SOBRE A CRONOLOGIA DAS CIVILIZAÇÕES NEOLÍTICAS (\*)

Com as investigações arqueológicas dos últimos oitenta anos, pareceu ficar seguramente estabelecido que, há 50 séculos, o panorama cultural da humanidade do Velho Mundo apresentava, em certo aspecto, a característica seguinte: num mar imenso de populações mais ou menos bárbaras, duas regiões albergavam civilizações de notável desenvolvimento: o Egipto e a Mesopotâmia.

Enquanto, no primeiro, se construíam as mais vetustas pirâmides e, na segunda, as mais antigas *zigurats*, enquanto no Nilo se desenhavam os primeiros hieróglifos e se traçavam, nos vales do Tigre e do Eufrates, os mais remotos caracteres cuneiformes, os povos da Europa e da Ásia, fora do «País de Entre-os-Rios», permaneciam atolados na mais tosca barbárie, limitando-se a polir pedra, a fabricar uma louça rudimentar e a praticar uma pouco produtiva agricultura de enxada.

O final do século xix e as primeiras décadas do nosso século trouxeram o conhecimento de civilizações pré-hieroglíficas no Egipto e pré-cuneiformes no Tigre-Eufrates. Os nomes de Tasa, Marinda, Ur, Badari, Tel Halafe, Al-Ubaide e muitos outros principiaram a aparecer até nos compêndios para uso dos estudantes do ensino secundário. Eram os nomes dos locais onde, dia a dia, se iam descobrindo civilizações bárbaras, muito semelhantes àquelas que tinham dominado a Europa e grande parte da Ásia, quando Mâni cingira a coroa vermelha do Baixo-Egipto e a coroa branca do Alto-Egipto.

E a reacção, muito natural aliás, verificou-se: essas civilizações pré-dinásticas foram consideradas extremamente remotas, pois só um

(\*) Lido na sessão de 4 de Maio de 1961, do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia.

longo período de evolução podia permitir que o rústico agricultor de Tasa se transformasse no requintado egípcio da segunda ou da quarta dinastia.

É neste momento das investigações que se atribuem aos mais remotos pré-dinásticos do Nilo datas que atingem os 8 000, os 10000 a.C.

Os quadros sincrónicos de civilizações traçados pelos fins do primeiro quartel do nosso século mostram o pré-dinástico egípcio entre 10000 e 4000 e as culturas mais avançadas da Europa neolítica e paleometálica entre 3 000 e 2 000. E isto foi considerado muito aceitável, porque o brilho das civilizações históricas do Nilo, do Tigre e do Eufrates do III milénio supunha — tinha mesmo de supor — demorada gestação.

Com esta cronologia, chamada *longa*, das culturas do Crescente Fértil, todo o complexo cultural do Velho Mundo, nessas eras tão remotas, se tornava claro: enquanto a Europa estagnava num mesolítico ainda semi-selvagem, os vales privilegiados do Nilo e do Tigre-Eufrates conheciam, primeiro, a «revolução neolítica» e, séculos depois, a «revolução urbana». Quando, enfim, a economia de produção alcançava as paragens selvagens do «Far-West Europeu», o Egipto e a Mesopotâmia tinham já entrado na História.

Mas, esta cronologia longa em breve deparou com dificuldades. Novas escavações, estudos comparativos mais profundos vieram mostrar que a grande antiguidade atribuída às civilizações pré-dinásticas egípcias não podia ser mantida e a denominada *cronologia curta* do Egipto começou a fazer escola: Mâni, o unificador, é colocado na passagem do IV para o III milénio, Tasa desce para 5 000-4400, Badari para 4 600-4 200, Marinda para 4 300, Amrá para 4 400-3 900, Gerzé e Maadi para 3 900-3 300, Jarmo, na zona montanhosa que bordeja pelo norte a Mesopotâmia, para 5 000-4 800.

A decantada «revolução neolítica» surgiria só por 5 000 e a revolução urbana por 4 800-4 500 a.C.

Sob o império do já antigo preconceito do grande avanço das culturas do vale do Nilo e da Mesopotâmia em relação às culturas neolíticas e paleometálicas da Europa, imediatamente se inicia, por parte dos mais célebres arqueólogos dos anos de 40 um rejuvenescimento destas culturas.

Em 1940 mesmo, Christopher Hawkes, em *The Prehistoric Foundations of Europe*, coloca a cultura de Starcevo entre 2 800 e 2 700, o

Danubiense í entre 3 000 e 2 800, Cucuteni A entre 2 400 e 2 200, o Chasseiense I entre 2 500 e 2 300, o Campaniforme Ibérico entre 2 300 e 2 100, o Neolítico A Britânico entre 2 500 e 1 900, os megálitos franceses entre 2 500 e 1 900. Segundo este autor, o Mesolítico na Irlanda, na Grã-Bretanha, na Bretanha e na Escandinávia teria durado até cerca de 2 500 e, na Península Ibérica, até 2 700.

Nas mesmas águas, navega Santa-Olalla que, em 1946, na 2.<sup>a</sup> edição do seu *Esquema Paleolítico de la Península Ibérica*, aceita praticamente toda a cronologia proposta, anos antes, pelos arqueólogos britânicos.

Em 1947, Gordon Childe, in *The Dawn of European Civilization*, 4.<sup>a</sup> edição, ainda rebaixa mais a cronologia de algumas culturas europeias: o Danubiense I e a cultura de Kôrôs são situados entre 3 000 e 2 500, Cucuteni A cerca de 1 900, os megálitos portugueses entre 2 000 e 1 400, o Campaniforme Ibérico entre 1 900 e 1 600, o Chasseiense I entre 2 000 e 1 900, Alcalar em 1 600, Palmeia cerca de 1 900, a cerâmica cardial ibérica à volta de 2 500, os megálitos britânicos entre 2 100 e 1 500.

É também em 1947 que Stuart Pigott declara, in *Revista de Guimarães*, LVII, n.ºs 3-4, que a cronologia mais aceitável para os túmulos portugueses de corredor é a de 1 800 e 1 400 a.C.

Em 1949, V. Milojevic, na sua *Chronologie der Jüngerer Steinzeit Mittel und Siidosteuropas*, considera a data de 2 650 como a mais racional para o início da cultura de Vinca.

As novas cronologias rapidamente conquistam adeptos, entre eles a maioria dos arqueólogos portugueses amadores que, por essa época, além de rotularem de Bronze o que às vezes nem cobre continha, colocam, sem sombra de espírito crítico, todo megálito que encontram, por mais primitivo que ele seja, em 2 000 ou 1 800 a.C.

Apenas aqui e além cientistas mais ponderados ou tecnicamente mais apetrechados se mantêm na dúvida, aceitando a cronologia curta no que respeita ao Bronze Pleno e períodos posteriores, mas continuando a admitir uma cronologia longa para as culturas hispânicas neolíticas e paleometálicas. É este o caso do Prof. Manuel Heleno e de alguns dos seus colaboradores.

Este professor, que em 1935 descobrira um neolítico muito primitivo mas já para-dolménico, na região de Montemor-o-Novo, atribuiu-lhe, por 1940, uma cronologia de 3 000 a.C., cronologia que man-

teve não obstante por essa altura Childe situar o neolítico ibérico por volta de 2 500.

Porém, uma revolução nos métodos de cômputo da cronologia se ia verificar. O desenvolvimento espantoso das ciências nucleares, que se observa nos últimos anos da primeira metade do século xx e que conduz espectacularmente a Alamogordo e a Hiroxima, origina o primeiro método de cálculo de cronologia absoluta por isótopos. É o método do  $C_{14}$  que principia a ser aplicado na década de 50.

Os seus resultados abalam quase toda a estruturação cronológica da Pré-História do Velho e também do Novo Mundo.

Se a cronologia curta parece confirmar-se para o Egipto e para a Mesopotâmia — El Omari recebe uma cronologia de  $3\ 306 \pm 230$ ; Faium A, as datas de  $4145 \pm 250$  e  $4441 \pm 180$ ; Jarmo, as de  $4757 \pm 320$ ,  $4656 \pm 330$  e  $4745 \pm 360$ —, a cronologia para a Europa e certas regiões da Ásia é profundamente alterada. Eis alguns dos resultados obtidos:

Chasseiense I	j 2 865± 130
	I 3 230 ±140
Cerâmica impressa da França	3 980±150
Cucuteni A	3 130± 80
Cucuteni B	2 750± 60
Neolítico irlandês	j 3 060±170
	} 3 340±170
Neolítico primitivo itálico	V milénio
Starõevo	4 440± 75
Vinõa A	4 010± 85
Vinõa D <sub>2</sub>	3 645 ±160
<i>Bandkeramik</i>	} 4 170± 60
	I 4 010± 85
Danubiense tardio	3 440±300
Tripolye A	3 380± 60
Windmill Hill	I 2 950±150
	2 570±150

Um dos casos mais estranhos é a atribuição de uma cronologia de  $3\ 030 \pm 57$  ao túmulo de corredor e de *falsa cúpula* de Ile-Cam, na Bretanha.

Verifica-se, contudo, que nem todo o sistema cronológico anterior era deficiente. Assim, Los Millares recebe, pelo novo método, uma cronologia de 2 340, idêntica, portanto, à que Hawkes lhe atribuíra em 1940: 2 400-2 000.

Não cabe no âmbito desta comunicação explorar exaustivamente todas as consequências das datas obtidas pelo  $C_{14}$ . Contentar-me-ei, por isso, em apontar algumas que me parecem mais importantes:

I — O aparecimento de civilizações neolíticas no Crescente Fértil é muito menos anterior ao surto de civilizações semelhantes na Europa Central e Ocidental do que até há pouco se pensava; a diferença cronológica é relativamente tão reduzida que se pode admitir ou que a cerâmica e o polimento da pedra surgiram ao mesmo tempo nessas regiões — e teríamos então mais um caso de convergência — ou, o que é mais provável, que essas técnicas, nascidas no Crescente Fértil, se propagaram tão rapidamente pela Europa Balcânica que Faium A e Starcevo, por exemplo, são quase contemporâneas.

II — Os defensores da «miragem oriental» sofrem novo e pesado golpe no que se refere às origens da arquitectura funerária megalítica do Ocidente. A maior antiguidade dos túmulos de falsa cúpula do Oeste-Europeu em relação aos seus similares do Leste parece ficar definitivamente estabelecida. A *thólos* bretã, acima mencionada e que parece datar do final do IV milénio, é séculos anterior às suas congéneres do Egeu. Toma-se, agora, legítimo perguntar se Los Millares e Alcalar não serão o resultado de um influxo cultural vindo, não do Oriente, mas da Europa Ocidental Transpirenaica.

III — A cerâmica decorada com impressões—a que, até há pouco, se chamava «cardial» — aparece no Ocidente Europeu no fim do V milénio e não na passagem do IV para o III milénio, o que leva a supor a sua origem local. Esta cerâmica mantém-se em dólmenes portugueses de tipo já evolucionado — sirva de exemplo a orea dos Braçais, em Mangualde—, o que parece demonstrar que estes monumentos são bastante anteriores aos meados do III milénio.

A ser assim, a cronologia proposta pelo Prof. Manuel Heleno para os seus dólmenes do Alto-Alentejo terá de ser revista, recuando, pelo menos, até os primórdios do IV milénio. Com efeito, é difícil admitir que a cerâmica muito pobre e rara, contida nesses megálitos, seja posterior às cerâmicas impressas, cardiais ou não.

IV — É evidente que estes enormes recuos cronológicos das civilizações neolíticas europeias não implicam recuos idênticos, ou mesmo aproximados, da cronologia das civilizações paleometálicas e metálicas, como, por exemplo, El Argar, Wessex e Unêtica. Apenas implicam uma muito maior duração para os tempos neolíticos, o que, em certas regiões, é confirmado pela enorme espessura dos níveis dessa época. De facto, um espaço de 2 000 anos entre a cultura dos dólmenes de Montemor e as cistas argáricas não pode considerar-se absurdo.

\*

Creio podermos resumir deste modo o estado actual das ideias acerca da evolução cultural do homem do Velho Mundo, entre o VII e o II milénios a.C.: na primeira metade do VII milénio, dominam ainda as populações mesolíticas, quer na Ibéria, quer na Europa Central, quer ainda na Anatólia e no Crescente Fértil. Nestas duas últimas regiões, por volta de 6 500, começam a surgir, pouco a pouco, técnicas que tradicionalmente se consideravam características do Neolítico: picagem e polimento da pedra, cestaria e tecelagem, e cerâmica. Alguns séculos depois, aparece uma nova economia — a economia de produção — baseada na pecuária e na agricultura.

Estas inovações depressa se propagam para noroeste, a tal ponto que, cerca de 4 800-4 700, surge em Starcevo uma cultura cerâmica e, na primeira metade do V milénio, uma civilização de cerâmica pintada no ocidente da Bulgária actual.

Por 5 500, verifica-se no Próximo-Oriente a chamada «revolução urbana» que parece ter ocorrido na parte asiática desta região, propagando-se, entre 5 000 e 4 500, ao Egipto.

É então que o Crescente Fértil se começa a adiantar culturalmente e de modo bastante notável em relação ao resto do Velho Mundo que se manterá, ainda durante séculos, em estádios pré-urbanos.

Lisboa, Abril de 1961.

FERNANDO BANDEIRA FERREIRA